

Afonso Dhlakama nas comemorações do 04 de Outubro

“Não estaremos em paz enquanto a pessoa que fabricou resultados eleitorais estiver no poder”

“Eu esperava uma paz verdadeira, mas a democracia pretendida não é esta”, porque “a Frelimo continua a ser o único partido - Estado, a maltratar os moçambicanos a favor dos interesses de um punhado de comunistas que a penas pensam nos seus estômagos e das suas famílias” - Afonso Dhlakama

“Não haverá golpe de Estado, mas vamos fazer o que os outros fazem para desmoronar impérios ditatoriais” - idem

Aunício da Silva

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, reuniu na terça-feira da semana passada, em Nampula, os seus membros e simpatizantes para comemorar a passagem do 19.º aniversário da assinatura em Roma, em 1992, dos Acordos Gerais de Paz, que puseram termo à guerra civil entre as tropas da Renamo, por si comandadas, e da Frelimo. Dhlakama disse não estar arrependido de ter assinado os acordos em Roma, mas diz também que está profundamente decepcionado com a forma como a Frelimo está a governar Moçambique e os moçambicanos.

O líder da Renamo, que é igualmente um dos signatários dos acordos, disse que o 04 de Outubro “é dia de democracia por ser dia de acordo dos princípios que nortearam a luta da Renamo”. Dhlakama diz não ser esta a paz por que lutou, pois, segundo suas pala-

bras, “Moçambique vive dias de falta de respeito pelos direitos humanos, justiça social, eleições livres, justas e transparentes e boa governação.

Segundo Dhlakama todos esses valores são uma verdadeira utopia.

“Eu esperava uma paz verdadeira, mas a democracia pretendida não é esta”, porque “a Frelimo continua a ser o único partido - Estado, a maltratar os moçambicanos a favor dos interesses de um punhado de comunistas que apenas pensam nos seus estômagos e das suas famílias”, disse Dhlakama.

“É uma grande honra celebrar esta data. Não estou arrependido, porque graças ao AGP, as pessoas já podem rezar livremente”, disse Dhlakama, para de seguida lançar um apelo aos líderes religiosos: “Não se deixem enganar com a Frelimo porque eles nunca quiseram que vocês rezassem, mas agora andam aí até a usar batinas”.

**Até 25 de Dezembro para desalojar a Frelimo do poder**

Dhlakama reservou parte do seu discurso para atacar a pessoa do presidente da República, Armando Guebuza. Disse que, apesar da assinatura do AGP, a base da democracia em Moçambique não existe, porque, “continuamos a chamar um ditador que fabricou votos de presidente. É inaceitável. Vocês podem pensar que este é o sentimento de Dhlakama, mas não é. É de todo o povo moçambicano”, por isso “vamos mudar as coisas

até 25 de Dezembro deste ano.

“Neste momento, a paz em Moçambique traduz-se somente no calar das armas e no parar das mortes, como vitória do povo” e “isto tudo é graças a Dhlakama”, porque “a Frelimo quis sempre a guerra, porque sempre ataca a Renamo e nós mantemos a paz”.

Num outro desenvolvimento, Dhlakama referiu que “a livre escolha, a liberdade efectiva dos cidadãos, a justiça social e a boa distribuição da renda nacional é uma das bases da democracia, mas isso

não existe em Moçambique”.

“Se não tirarmos a Frelimo do poder continuaremos com um peso na consciência. Se não tirarmos a Frelimo do poder, mesmo que passem quinhentos anos, teremos um peso de consciência e seremos sempre culpados”.

“A retirada da Frelimo do poder será possível porque os poucos mais de vinte milhões de moçambicanos desejam tal mudança”. “Não haverá golpe de Estado, mas vamos fazer o que os outros fazem para desmoronar impérios ditatoriais”, concluiu o líder da Renamo.

Governador de Nampula apela à manutenção da paz

Por outro lado, Felismino Tocoli, governador de Nampula, disse à margem das celebrações do dia da Paz em Nampula, que a paz deve ser mantida por todos os moçambicanos.

O governador de Nampula, Felismino Tocoli, apelou na ocasião aos adultos para que não transmitam a ideia da guerra às novas gerações, sobretudo as que nasceram logo após a guerra dos dezasseis anos, a qual apelidou como sendo a guerra de desestabilização nacional e não como guerra civil.

Tocoli disse que “a população está cansada da guerra e está determinada em manter

a paz”, pelo que, no seu ponto de vista, “a paz é a não destruição de infra-estruturas”.

O Canal de Moçambique perguntou ao governador de Nampula se podia falar-se da paz num país onde a satisfação das necessidades básicas e colectivas da população continuam a ser uma miragem. Em resposta, disse: “Sabemos que ainda precisamos mais para satisfazer as necessidades, mas seríamos injustos ao afirmarmos que é uma miragem a satisfação”. “Se olharmos de onde vimos, veremos que agora estamos melhores que antes, por isso a paz deve residir em cada um de nós”, disse Tocoli.

“Não há paz total em Moçambique”

Por seu turno, o delegado político provincial do Movimento Democrático de Moçambique (MDM) Assane Rachide, em entrevista ao Canal de Moçambique, avançou que “não existe uma paz total em Moçambique”.

Rachide referiu que “apenas houve o calar das ar-

mas, mas a paz, entanto que tal, ainda não existe”.

Aludiu que “Paz é justiça social, económica e não agressões à oposição que são promovidas por quem devia garantir a manutenção da paz”.

O delegado político provin-

cial do MDM em Nampula diz que “a única saída são eleições livres, justas, transparentes e inclusivas, no sentido que seja revertida a cena actual”. Sugeriu, entretanto, que se tenha a cidade da Beira como exemplo da paz em Moçambique. (Canal de Moçambique)